

INDÚSTRIA CULTURAL, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A DIMENSÃO ÉTICA COMO ARTICULADORA NO PROCESSO PEDAGÓGICO

INDUSTRIA CULTURAL, CURRICULUM Y ENTRENAMIENTO DEL PROFESOR: LA DIMENSION ETICA COMO ARTICULADOR EN EL PROCESO PEDAGOGICO

CULTURAL INDUSTRY, CURRICULUM AND TEACHER TRAINING: THE ETHICAL DIMENSION AS ARTICULATOR IN THE PEDAGOGICAL PROCESS

Sandra Regina Mantovani LEITE¹
Alonso Bezerra de CARVALHO²

RESUMO: Neste artigo apresentamos e discutimos o valor da dimensão ética presente como articuladora na organização do trabalho pedagógico. Considerando que a Ética está desfigurada pelos acontecimentos e entendimentos da sociedade atual, em que professores se escondem por detrás de máscaras como proletários de um conhecimento desnecessário e inútil ao capital, analisar a dimensão ética e sua importância para o processo e para a prática educativa se apresenta como valorização do ser humano e de todas as suas manifestações. Entendendo a Escola como um espaço de interações, o currículo se torna um artefato cultural para que o professor alcance seu objetivo com uma educação humanizadora e que visa à emancipação do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ética. Currículo. Prática Pedagógica. Formação de Professores.

RESUMEN: *En este artículo presentamos y discutimos el valor de la dimensión ética presente como articulador en la organización del trabajo pedagógico. Mientras que la ética se desfigura por los acontecimientos y entendimientos de la sociedad actual, en la que los maestros se esconden detrás de máscaras como proletarios de conocimiento innecesario e inútiles para el capital, analizan la dimensión ética y su importancia para el proceso y la práctica educativa se presenta como una apreciación del ser humano y todas sus manifestaciones. Entendiendo la Escuela como un espacio de interacciones, el plan de estudios se convierte en un artefacto cultural para que el maestro logre su objetivo con una educación humanizadora que tiene como objetivo la emancipación del ser humano.*

PALABRAS CLAVE: *Educación. Ética. Reanudar. Práctica Pedagógica. Formación del Profesorado.*

ABSTRACT: *In this article we present and discuss the value of the ethical dimension present as articulator in the organization of pedagogical work. Whereas Ethics is disfigured by the events and*

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Doutora em Educação, Docente do Departamento de Educação da UEL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4908-8379>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7766153830344115>. E-mail: sleite@uel.br

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis – SP – Brasil. Professor Livre Docente no Departamento de Educação da Unesp/Assis e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Marília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5106-2517>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/409102155418140>. E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

understandings of today's society, in which teachers hide behind masks as proletarians of unnecessary knowledge and useless to capital, analyze the ethical dimension and its importance for the process and educational practice presents itself as an appreciation of the human being and all its manifestations. Understanding the School as a space for interactions, the curriculum becomes a cultural artifact for the teacher to achieve his goal with a humanizing education that aims at the emancipation of the human being.

KEYWORDS: *Education. Ethics. Resume. Pedagogical Practice. Teacher Training.*

Introdução

Quando analisamos questões educacionais como a formação de professores e a prática pedagógica, percebemos que as mesmas não são fixas e imutáveis, como nada nessa área, visto que sofrem efeitos das movimentações e motivações políticas e econômicas, filosóficas, etc. Desse modo é preciso compreender e levar em consideração que tudo o que envolve aspectos educacionais reflete e é atravessado por fenômenos sociais, promovendo transformações e por eles sendo transformados.

Podemos partir da constatação de que atualmente vivemos “numa ordem social na qual mesmo os requisitos mínimos para a satisfação humana são insensivelmente negados à esmagadora maioria da humanidade” (MÉSZAROS, 2008, p. 73). Isto se dá por conta de que o capitalismo atual necessita, para manter a hegemonia, fortalecer os países ricos, considerados produtores, e impor aos países pobres a condição de consumidores. Na medida em que reorganiza as formas de consumo e produção, são eliminadas as fronteiras comerciais com o objetivo de integrar mundialmente a economia, como indica fatores econômicos, sociais, políticos e culturais.

Nesse contexto, as políticas relacionadas à esfera educacional são entendidas como uma das mais afetadas, haja vista estarem cada vez mais sujeitas às exigências da produção e do mercado. Os organismos internacionais traçaram e traçam políticas educacionais aos países em desenvolvimento, na perspectiva de aperfeiçoar os sistemas escolares, tendo em vista atender as demandas da globalização, ou seja, uma educação que atenda ao processo produtivo e à formação de consumidores.

Fecha-se o espaço público dos valores solidários e abre-se o cenário do consumir, do fruir, da libido, da técnica e da velocidade. “Há uma profunda interferência entre os modelos de racionalidade científica e do modelo econômico com a concepção do indivíduo e a organização da sociedade” (SEVERINO, 2011, p. 109).

As reformas educacionais que se processam possuem o caráter excludente devido aos ajustes neoliberais e aos monopólios tecnológicos e científicos. “No interior do capitalismo, especialmente

na sua recente versão neoliberal, registra-se o predomínio da ideia economicista de progresso” (SEVERINO, 2011, p. 8).

Podemos afirmar que a sociedade capitalista se organiza e se desenvolve obedecendo aos parâmetros impostos pela estrutura econômica vigente, em detrimento das demais esferas que compõem a organização social, “como se fora a economia sozinha a locomotiva a puxar atrás de si todos os vagões da sociedade”. (SEVERINO, 2011, p. 8). Por outro lado, a análise de Mézaros (2008, p. 76) aponta para o fato de que a própria globalização capitalista é uma manifestação contraditória [de uma] crise, tentando subverter a relação causa/efeito, na vã tentativa de curar alguns efeitos negativos, mediante outros efeitos ilusórios desejáveis, porque é estruturalmente incapaz de se dirigir às suas causas.

E é justamente à contradição do capital que Mézaros se refere enquanto espaço de superação, analisando a crise estrutural global do capital como uma época histórica de transição de uma ordem social existente para outra, qualitativamente diferente. O autor avalia que é preciso partir desta transição, pois é em seu bojo que se encontram os grandes desafios para romper com a sua lógica, como também a elaboração de planos estratégicos para uma educação que vá para além dele, ou seja, do capital.

Dessa forma, segundo Severino, a força do professor está em ser entendido como agente de formação ética e política de todos, retomando uma importante categoria na sua atuação: a Presencialidade. “[...] importante categoria da presencialidade como fundante de uma nova sociedade, orientada em categorias como alteridade, multiculturalidade, tolerância, diálogo” (SEVERINO, 2011, p. 10).

Nesse sentido, a atuação do professor deverá estar vinculada à compreensão das contradições que ocorrem na sociedade capitalista em que vivemos. As ações em seu fazer cotidiano estariam centralizadas na apresentação de alternativas para a superação de problemas presentes na realidade. É preciso ter em vista que o ambiente escolar é um espaço possuidor da interação de:

diversos processos sociais: a reprodução de relações sociais, a criação e transformação de conhecimentos, a conservação ou destruição da memória coletiva, o controle e a apropriação da instituição, a resistência e a luta contra o poder estabelecido, entre outros. (ESPELETA; ROCKELL, 1986, p. 58)

Nessa perspectiva, o professor possuiria um importante espaço na escola para o desenvolvimento de valores que contribuíssem na organização da sociedade que se quer: com mais justiça social, igualdade e solidariedade. Isto implica que este profissional deva possuir um sólido embasamento teórico, o qual poderá lhe proporcionar subsídios para a compreensão da realidade e

apreensão do conhecimento adquirido pelo aluno em sua trajetória de vida, subsidiando a elaboração e organização de seu fazer pedagógico e utilizando o currículo como um artefato cultural, articulado por meio da dimensão ética, em favor de uma Educação Humanizadora.

Currículo, cultura e formação humana: o professor e o processo educativo

A atuação do professor vinculada à compreensão das contradições que ocorrem na sociedade capitalista em que vivemos poderia contribuir no entendimento de que o ambiente escolar é um espaço de interações, de relações existenciais em que o outro está sempre presente. Isto significa dizer que “a exigência da necessidade ética emerge no exercício da ação interpessoal, ou seja, ela se impõe prioritariamente quando está em pauta agir em relação a outras [pessoas]” (SEVERINO, 2011, p. 130). Nesse mesmo sentido, o trabalho que o professor exerce no processo educativo sobre as questões curriculares também parte de uma fundamentação ética, pois as suas escolhas (conteúdos, formas de avaliação etc.) podem ferir a dignidade pessoal dos outros sujeitos quando interpelados pela sua ação pedagógica.

Mas, se a ação do educador, a prática educativa, demandam todo um fundamentado cuidado ético, impõe-se impregnar a formação desse profissional de uma radical sensibilidade ética, sem a qual não há como esperar de sua atuação essa mesma qualidade. (SEVERINO, 2011, p. 131).

Nessa direção, a qualidade da escola e do ensino está em concretizar efetivamente um processo de transmissão-assimilação do saber elaborado instrumentalizando os seres humanos para a construção e pertencimento da cultura existente, realizando um aspecto fundamentalmente ético: a democratização do saber. Em outras palavras, se a “democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular [...] para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em servir de seu próprio entendimento” (ADORNO, 2003, p. 169). Faz-se necessário que a formação docente privilegie a coragem de enfrentar as situações adversas que a própria prática introduz, refletindo por meio do entendimento único e da experiência valorizada e vivida.

Para tanto, há necessidade de uma inversão de um processo civilizatório que massifica a cultura e a educação. Na esteira das ideias dos frankfurtianos, talvez seja preciso questionar o modo como temos tratado a questão do conhecimento em uma época em que há o advento da sociedade de massa – à qual corresponde uma cultura homogênea e padronizadora: a da semiformação. De maneira alternativa a essa cosmovisão, eles tratam de expor o conceito de “indústria cultural” na perspectiva de não apenas se contrapor a uma “cultura de massa”, mas de mostrar de maneira crítica o equívoco de uma cultura produzida pela massa. Segundo eles, o que se tem visto é um processo

em que a cultura nada mais se tornou do que um conjunto de preceitos para a massa. O que significa que o meio de inserção dos homens na cultura é por meio da passividade e da submissão, tendo como consequência a heteronomia que produz o pensamento único, o reino da uniformidade e da unanimidade. Na sociedade da “indústria cultural” tudo passa a ser tomado segundo o valor de troca. Todo indivíduo e todo grupo social é intercambiável, e muitas vezes dispensável.

Dessa forma, a ética se impõe para a humanidade como necessidade para a organização do ser humano como indivíduo e como grupo. O que quer dizer que a humanidade depende da relação existente entre os indivíduos e os grupos a que pertencem para viver e se construir. Como seria possível viver sem conviver? O homem não está sozinho e está em condição de permanente devir e, portanto, nunca está pronto e acabado, nem como indivíduo e nem como espécie humana.

Para o desenvolvimento de valores que contribuam com a organização da sociedade que se almeja, com mais justiça social, igualdade e solidariedade, o professor assume um papel especial. Conforme Massi e Giacóia Junior (1998), a educação é um dos elementos que favorece ao homem se tornar humano. A educação é atualização histórico-cultural, ou seja, é parte de um processo social, histórico e político mais amplo. Nesse sentido, ressaltamos que o indivíduo humano se torna humano num processo de humanização e hominização. “Educar-se, portanto, é realizar-se como indivíduo componente de uma determinada sociedade. Quanto mais o homem se apropria da cultura, mais se humaniza porque mais se impregna de história” (PARO, 2002). A educação, dessa forma, significa aprender a viver aproveitando em plenitude o que a história possibilita ao ser humano, sem se furtar às contradições nela inerentes.

Em seu desenvolvimento como ser humano, cada indivíduo singular repete, em sua biografia, o próprio desenvolvimento da espécie: vai-se fazendo humano (histórico) à medida que vai se apropriando, modificando e transformando a cultura produzida pela humanidade em seu desenvolvimento histórico. Assim, a educação constitui verdadeira atualização histórico-cultural. Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar o conceito de cultura apresentado por Álvaro Vieira Pinto (1979, p. 22):

A cultura é, por conseguinte, coletânea do processo de hominização, não tem data de nascimento definida nem forma distintiva inicial. A criação da cultura e a criação do homem são na verdade duas faces de um só e mesmo processo, que passa de principalmente orgânico na primeira fase a principalmente social na segunda, sem contudo em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se condicionarem reciprocamente. A realização biológica do ser em curso de hominização determina as possibilidades de criação cultural que lhe são dadas em tal fase, mas estas, ao se realizarem, contribuem para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das qualidades orgânicas, até o momento em que impelem o animal a transformar o modo de existência, tornando-o um ser produtor, a princípio inconsciente e depois consciente, de si mesmo.

O homem se forma homem, se humaniza, porque a humanidade não é uma dádiva da natureza. Tudo isto é um processo educativo que acontece à medida que o homem produz a sua própria existência. Assim, a essência humana é construída pelo próprio homem: conforme suas apropriações é feito humano.

Portanto, o papel do professor como mediador de todo o processo educativo se torna fundamental. Compreender a prática educativa como uma atividade mediadora no seio de uma prática social mais ampla poderá proporcionar a instrumentalização do educando enquanto ser social, para sua atuação no meio social onde está inserido. Essa instrumentalização diz respeito ao saber necessário, ferramenta cultural para sair da menoridade em busca do esclarecimento (OLIVEIRA, 1985).

Imersos no mundo contemporâneo, em que o desenvolvimento acelerado da tecnologia se apresentava com a função de libertar a humanidade, os professores se percebem numa época marcada pela incerteza e pelo aceleração do tempo. A educação precisa correr atrás de informações úteis para uma sobrevivência imediata, sem pensar nas causas e consequências, transformando a prática dos professores precária e indefinida.

O professor precisa valorizar a sua história e a história dos seus alunos nas atividades proporcionadas por meio do currículo. Dessa forma, a sua formação e a sua atuação passariam de uma simples transmissão de conhecimentos, no sentido de prover ao aluno algumas habilidades e competências desejáveis ao que está posto pelas tecnologias e pelo ensino mercadológico, em busca de valorizar a formação de atitudes, numa efetiva formação, tanto dos alunos como dos professores envolvidos.

Ao professor, portanto, cabe enfrentar o caráter semiformal da educação, que no contexto da indústria cultural transmite uma cultura agramatical e desortográfica, decretando que aprender é fastidioso e que o esforço intelectual deve ser proscrito. Por seu lado, o ideário da educação humanista, ao contrário, pode ser indicado por sua etimologia, aqui instrutiva. *Educare* significa conduzir de um lugar a outro, de um ao outro. Significa, antes de tudo, “formar o espírito” – o que se faz através de disciplinas humanistas, aquelas para as quais a questão essencial não é o que se deve ensinar, tampouco que métodos aplicar, mas, antes, que tipo de homem se pretende formar com a educação.

Nesse sentido, citamos Wiggers (2012, p. 83), que apresenta o conceito de currículo como “artefato culturalmente determinado por um campo social, para ser desenvolvido em uma realidade específica, ou seja, nas instituições de educação coletiva”. Assim, as atitudes realizadas por meio da

escolha e das formas de trabalhar o currículo e os conhecimentos podem e necessitam atuar no sentido de superar a alienação humana.

[...] de modo que os sujeitos possam intervir nas determinações sociais e modificá-las, contribuindo, juntamente com outros setores sociais para a construção de novas formas de o ser humano ser e estar no mundo. Seus conteúdos e suas formas não podem se tornar indiferentes no contexto aos quais se inserem, já que se modelam num mundo de interações culturais e sociais que lhes dão forma e estrutura (WIGGERS, 2012, p. 83-84).

O professor como agente de mudanças e promotor do saber precisa utilizar de sua atividade docente numa constante tomada de posição e decisão, pois a prática social do currículo é sempre uma atuação social e coletiva, numa busca incessante de significado. Significado que se efetiva à medida que as pessoas aprendem e apreendem envolvidas numa experiência em que são afetadas por ela, seja pela palavra, seja pela linguagem, por um gesto ou simplesmente por estarem dispostas a buscar a compreensão acerca de si ou do mundo. Nesse sentido, o professor é uma liderança democrática, e precisa atuar na busca do esclarecimento; segundo Adorno (1986, p. 269):

Embora o elemento irracional tenha de ser devidamente considerado, não deve ser aceito como dado, mas, antes, como algo que deve ser atacado com e pelo esclarecimento. A integridade factual e objetiva deveria ser combinada com o esforço para promover o discernimento das disposições irracionais que dificultam o julgamento racional e autônomo por parte das pessoas. A verdade a ser difundida pela liderança democrática precisa ser relacionada a certos fatos que costumam ser obscurecidos por distorções arbitrárias e, em muitos casos, pelo próprio espírito da nossa cultura. Seu objetivo é estimular a autorreflexão naqueles que desejamos ver livres das garras do condicionamento todo-poderoso.

Faz-se necessário lutar contra o jogo de dominação e contra a qualificação profissional ditada pela sociedade globalizante e mercadológica, em busca de uma formação que impulse a vida, que liberte o professor do processo de reprodução, em busca da emancipação na Educação e na formação do mesmo. O comprometimento por parte do educador com um ensino que valorize o outro é o que fará a diferença em todo o processo curricular. Faz-se necessário se abrir ao diferente, buscar novas experiências e trabalhar com os medos e fracassos que fazem parte da nossa vida.

O professor pode arriscar em busca de entender a sua vida à medida que faz com que seus alunos reflitam também sobre o que fazem, como fazem e para que estão fazendo. “É uma opção que se configura e se sedimenta no interior de uma determinada trama cultural, política, social e escolar e arrebatada para o seu interior valores, concepções, pressupostos e sonhos” (WIGGERS, 2012, p. 82). A educação escolar não é a redentora e não conseguirá mudar e transformar o mundo, mas o professor ainda tem seu papel perante o seu grupo de alunos, refletindo sobre os conflitos

entre os interesses sociais e valores dominantes, e isso não pode ser atribuído a outrem (aos alunos, por exemplo), mas deve ser de si próprio.

Nesse sentido, a articulação entre as dimensões política, ética e estética na instituição escolar necessita de reflexão e de sistematização, uma vez que essas dimensões podem acontecer por meio de um projeto educacional e de um currículo trabalhado conscientemente por todos os envolvidos no processo educativo. É importante que este projeto requeira a atuação de professores, diretores, coordenadores, família, alunos, e todos os funcionários, inclusive a comunidade externa. Sem um projeto educativo, alicerçado num currículo consciente, o objetivo de uma educação de boa qualidade não acontece.

Em outras palavras, o desenvolvimento e a aprendizagem que acontecem por meio da instituição escolar precisam por meio do trabalho comprometido do professor e de sua posição frente aos conteúdos e organização dos conhecimentos selecionados para possibilitar ações que favoreçam o relacionamento humano, com práticas transformadoras e emancipatórias condizentes com a realidade, com ideias e com as metas que se buscam alcançar. Segundo Severino,

não resta outra alternativa senão o entendimento dialógico-discursivo entre todos os agentes interessados e responsáveis pelo processo educativo (pais, professores, gestores et.) para formular objetivos e valores a serem buscados na prática pedagógica. (2011, p. 101).

Sobretudo, práticas pautadas em valores que proporcionem aos alunos direito de expressar seus pontos de vista, de ter voz e vez, com possibilidades de compartilhar ideias, experimentar o mundo, transformando a Instituição Escolar em um espaço de comunicação, de apropriação de conhecimentos e, conseqüentemente, de humanização. Uma experiência profunda em que o professor afete e seja afetado e assim propicie meios de evitar a repetição da barbárie por meio da reflexão crítica e da resistência às suas causas e conseqüências no presente, contrapondo-se a um processo gerado pelo sistema que precariza sua atividade, para que ambos, professor e aluno, sejam afetados pela reflexão de seus limites e de suas possibilidades.

Acreditamos, assim como Severino (2001), que não existe educação humanizadora, a favor da participação e da democracia, sem considerar os seres humanos como dotados de personalidade e integrantes de uma sociedade historicamente determinada. Ao projetar atividades cotidianas tendo em vista os desafios que se impõem à educação como um todo, o professor e os educandos se lançam para frente, em busca do que pretendem alcançar. A Dimensão Ética se encontra no momento em que os educadores podem decidir pelo bem comum daquele grupo, daquela instituição.

Partindo da realidade, do presente que vivemos, cada professor pode vislumbrar o futuro a que pretende chegar. Conforme Rios, a importância do planejamento e do processo está em garantir o processo histórico, sendo que o mesmo se vale do “presente – momento único de experiência e relação – traz no seu bojo o passado, enquanto vida incorporada e memória, e o futuro, enquanto vida projetada. Isso vale tanto para as experiências singulares, de cada um de nós, como para a vida em sociedade” (RIOS, 2000, p. 73).

Nesse sentido, ressaltamos que na contemporaneidade, segundo Severino (2010), somente o compromisso de aplicação do conhecimento na construção da cidadania fará a diferença, e este conhecimento não é técnico apenas, é político à medida que potencializa as formas de lutar contra a exclusão e contra a manipulação. É ético à medida que, por meio do conhecimento, nos torna humanos e como homem nos relaciona com outros homens, valorizando o homem e seus direitos e deveres em busca de uma sociedade democrática e emancipatória. Somente por intermédio do conhecimento e da sua valorização, como educadores, na condição de intelectuais, poderemos atuar eticamente como técnicos e como políticos.

A dimensão ética como articuladora da prática educativa

A relação entre a política e a ética na construção da democracia é fundamental, pois a política só se realiza efetivamente por meio dos sujeitos humanos que agem comunitariamente articulados pela ética. Esta articulação, com vistas à apropriação e produção da cultura e no sentido de atender aos objetivos visa, conforme Severino (2010, p. 156):

Desenvolver o máximo do conhecimento científico e tecnológico em todos os campos e dimensões. A superação do amadorismo e a apropriação da ciência e da tecnologia disponíveis para alicerçar o trabalho de intervenção na realidade natural e social. Desenvolver o máximo sua racionalidade filosófica, em sua tríplice dimensão: epistêmica, ética e estética, buscando delinear o *telos* da educação com sensibilidade profunda à condição humana. Sentir a razão de ser da existência e a pulsação da vida. Desenvolver ao máximo sua compreensão política, levando os educandos à apreensão do significado de sua inserção social e fornecendo referências para sua atuação no seio da sociedade.

Nesse sentido, a educação cumpre sua função quando entendida como mediação para construção da cidadania, atuando, na esfera individual, na construção do sujeito e da pessoa humana – dimensão ética, e na esfera social, na construção da democracia e na efetivação do coletivo da sociedade – dimensão política. Por conseguinte, a luta contra a alienação, a individualização e a manutenção de práticas conservadoras precisa partir do trabalho em favor de uma educação intencionalizada. A busca de realização dos objetivos acima colocados possibilitará “a instauração

de formas solidárias de ação histórica, [...] para a construção de uma humanidade renovada. [...] a educação só se legitima intencionalizando a prática histórica dos homens” (SEVERINO, 2010, p. 157).

Assim, a prática educativa precisa acontecer como prática transformadora, e a atuação dos professores como mediadores no processo de socialização do conhecimento precisa auxiliar na interligação entre as dimensões da Educação, da Ética e da Política. A partir do compromisso e da responsabilidade, o professor na organização do seu trabalho e na escolha dos conhecimentos que fazem parte do Currículo, partindo dos princípios que regulam as suas ações, podem almejar um novo sentido para a própria prática, refletindo sobre a importância de entrelaçar as principais dimensões para o agir docente: epistemológica, técnica e política.

Professores e alunos são personagens, mais do que isso, são pessoas que devem ser vistas, reconhecidas e tomadas como agentes que se movimentam não somente a partir, mas também em direção a novos horizontes e perspectivas que nem sempre o rigor lógico, racional e científico garante com sucesso. É preciso levar em conta a nossa abertura ao outro, mesmo que esse outro – as paixões, os impulsos, os sentimentos - esteja em nosso interior, provocando-nos e nos animando nessa ou naquela direção (CARVALHO, 2013, p. 168).

A prática intencional que acontece na instituição escolar tem que valorizar o conhecimento e partindo dele atuar para que as várias dimensões que compõem o processo educativo possam se realizar na sua totalidade. Por isso, é imprescindível que exista um outro que interpele, incomode e interaja, provocando mudanças interiores e exteriores. A relação humana é prioritária no processo educativo, na relação e interação entre professor e aluno. Dessa forma, apontamos a dimensão ética como articuladora do processo e do projeto educativo na medida em que por meio da reflexão sobre os valores, condicionantes e atenuantes que influenciam o contexto pedagógico possamos possibilitar aos envolvidos enfrentar os problemas que surgem e arrisquem pensar alternativas para buscar soluções.

Um pouco na esteira do que nos oferece Levinas, o conhecimento do outro não é querer reduzi-lo a categorias lógicas e epistêmicas, como se fosse possível captá-lo em sua objetividade. “À diferença do conhecimento da ciência que objetiva a natureza em categorias e torna o eu agente do conceito, o conhecimento do outro não pode utilizar-se de tal método, sob pena de objetivar a alteridade e sua diferença em conceitos preestabelecidos” (RUIZ, 2011, p. 235).

Nesse sentido, relacionando a Ética e a Educação, podemos ressaltar que é necessário que a instituição escolar busque um educar para o viver bem, proporcionando vivências prazerosas e contextualizadas, que são também necessárias na aquisição dos conhecimentos básicos. Segundo Hermann (2008), a importância da reflexão está em iluminar todo o processo educativo e

argumentativo, auxiliar na formação humana por meio de uma reflexão crítica ligada às reais condições de vida. Considerar a importância da ética para o processo e para a prática educativa se apresenta como valorização do ser humano e de todas as suas manifestações:

Tal postura exige uma abertura para vivências que não se estruturam apenas pela dimensão cognitiva dada por orientações normativas; ao contrário, envolve a sensibilidade e as emoções, as forças vitais, a liberação da imaginação e da corporeidade. Somos seres de linguagem e por isso podemos dialogar, o que significa abrimo-nos a alteridade. Isso produz um intercâmbio em que ambos os participantes se modificam no jogo da pergunta e da resposta e fazem uma ampliação do horizonte, que altera o vocabulário e as crenças. (HERMANN, 2014, p. 23-24).

Para tanto, uma educação ética pode auxiliar e se efetivar como uma arte de viver, nas palavras de Hermann (2008, p. 26), sendo que as diferentes estratégias que permitem formar uma sensibilidade fortemente aguçada e atenta às emoções em relação à construção da moralidade “são contribuições da arte de viver que devem ser consideradas na educação, se quisermos educar pessoas com capacidade de decidir e conduzir suas vidas”.

O valor da dimensão ética, ao pensarmos a prática pedagógica e o discernimento sobre o que realmente é importante para o desenvolvimento dos alunos no espaço educativo, está na reflexão e no diálogo permanente entre os professores e demais envolvidos no processo. Dessa forma, acreditamos na ética como uma maneira pelo qual professores possam atuar integralmente, partindo do seu conhecimento teórico e técnico e contemplando atitudes que venham a favorecer o sentir, as emoções e o acolhimento. Almejamos práticas que pela força do hábito se impregnem de valores, virtudes, respeito pela dignidade humana.

Embora seja conhecido que o fator propulsor da atividade pedagógica é o pensamento reflexivo e criativo, o professor envolvido pelo deslumbramento tecnológico se deixa levar pela degeneração do pensamento reflexivo, ameaçando o conteúdo ético do processo formativo. Os professores e todos os envolvidos com o processo educativo precisam desaprender a pensar, como ressalta Carvalho (2016, p.219), “o desafio agora é ensaiarmos um jogo que não se finaliza antecipadamente, mas que, indefinido, nos leve mais longe e transgrida a segurança das regras, construindo um novo sentido”.

Reiteramos que toda ação pedagógica, desde sua origem e finalidade, objetivos e metas, possui estreita relação com a ética, e por isso são processos que ao se realizarem na instituição escolar tem o compromisso de elevar o educando de sua condição de indivíduo, possibilitando um reavaliar de seus valores. Ao pensarmos o projeto de escola e o currículo como caminhos condutores para o aprender de cada ser, ressaltamos que o processo formativo e pedagógico não se

resume à instrução, treinamento, adestramento, conformidade.

Pois não se trata apenas de lidar com um saber, mas com um sabor, esta sensibilidade ao valor, específica e exclusiva para os seres humanos, só se faz sabor compartilhando a mesma experiência subjetiva do saber. Depende da força dinâmica de forças do campo magnético da subjetividade intencionalizante. (SEVERINO, 2011, p. 132)

Consideramos que o processo pedagógico se objetiva possibilitando ao sujeito uma situação de plena humanidade. Se visivelmente a educação aparece como um processo institucional e instrucional, pela dimensão ética a mesma assume um caráter de investimento formativo do humano, seja por intermédio da relação pedagógica pessoal ou pelo domínio da relação pedagógica social.

O professor, servindo do conhecimento intencional mediante a organização do trabalho pedagógico, proporciona aos sujeitos elementos de subjetividade que os preparam para o mundo do trabalho e para a prática social. Assim, o domínio do saber teórico facultado pela apropriação técnica e pela sensibilidade ética se consolidam no agir humano e no compromisso com a aplicação desse conhecimento na construção da cidadania.

Considerações finais

Acreditamos que está ainda por ser feita de maneira aprofundada a articulação entre o conceito de indústria cultural com a área do currículo e da formação de professores, tendo como foco de análise as suas implicações éticas no processo pedagógico. Este artigo teve a pretensão de iniciar este diálogo de maneira a contribuir para os desafios que o ambiente escolar, especialmente a sala de aula, tem enfrentado nos últimos tempos.

Em um texto escrito em 1933, intitulado “Materialismo e Moral”, Horkheimer (1990) mostra perversão da ideia de que somos seres vivos, dotados de razão, e que temos direito à felicidade, sendo que como situação concreta viveríamos, na verdade, uma mutação deste quadro em que os valores são transformados em valor de troca. Nesse sentido, o que se vê é um processo em que todos os esforços culturais, seja na ciência e na educação, se revestem de um embrutecimento da vida privada e da pública, de tal forma que, à miséria material, se junta, também, a miséria espiritual, dificultando com isso qualquer possibilidade de emancipação humana.

Diante desse quadro, inserir e discutir uma prática pedagógica tendo em vista a perspectiva ética pode revelar as contradições e as ameaças de que uma indústria cultural está constituída, e de um currículo e de uma formação de professores que não levam em consideração as singularidades existenciais que vivenciam no ambiente escolar. Por isso, incluir a dimensão ética neste debate é

uma forma bastante promissora para redesenharmos e ressignificarmos nossas práticas, de maneira a tratar o conhecimento do outro como uma demanda a ser levada em consideração.

Ou seja, pensar em uma ética da acolhida pode ser um bom referencial para refletirmos acerca de nossas práticas formativas e pedagógicas. A responsabilidade que nos cabe atualmente é olharmos para o interior de nossas escolas e universidades e verificar se não estamos reproduzindo uma prática, inclusive moral, que corrobora os mecanismos de dominação e de exploração política e econômica da sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, T. **Liderança democrática e manipulação de massas [1951]**. Traduzido por Francisco Rüdiger. Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1986.

CARVALHO, A. B. de. **A relação professor e aluno: paixão, ética e amizade na sala de aula**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016

DUARTE, N. **A individualidade para-si: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1986.

HERMANN, N. Ética: a aprendizagem da arte viver. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 15-32, jan./abr. 2008.

HORKHEIMER, M. Materialismo e moral. In: HORKHEIMER, M. **Teoria crítica I: uma documentação**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.

MASSI, C. D. B.; GIACÓIA JR, O. Ética e Educação. In: SERBINO, R. V. *et al.* **Formação de Professores**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo, Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, B. (org.) **A organização do saber escolar**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2002.

PINTO, Á. V. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação contemporânea)

SEVERINO, A. J. Formação e Atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos. In: SEVERINO, F. E. S. (Org.). **Ética e formação de professores: política e responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 130-149.

SEVERINO, A. J. Desafios da formação humana no mundo contemporâneo. **Revista de Educação**, Campinas, n. 29, p. 153-164, jul./dez. 2010.

SEVERINO, A. J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SEVERINO, F. E. S. (Org.). **Ética e formação de professores: política e responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011.

SEVERINO, F. E. S. Ética e responsabilidade social no ensino superior. In: SEVERINO, F. E. S. (Org.). **Ética e formação de professores: política e responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 78-92.

WIGGERS, V. Currículo na Educação Infantil. In: FLÔR, D. C.; DURLI, Z. (org.) **Educação infantil e formação de professores**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2012.

Como referenciar este artigo

LEITE, Sandra Regina Mantovani; CARVALHO, Alonso Bezerra de. Indústria Cultural, Currículo e Formação de Professores: Dimensão ética como articuladora no processo pedagógico. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 4, p. 1899-1912, dez. 2019. E-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.4.12913>

Data de submissão: 25/06/2019

Data de aceite: 29/08/2019

Data de publicação: 01/09/2019